

SONATA
EM MI MENOR
PARA PORCOS
E OUTROS
QUADRÚPEDES



Felippe Regazio

Sonata em Mi Menor
Para Porcos e Outros Quadrúpedes

Felippe Regazio



Menção Honrosa no “Programa Nascente” da Universidade de
São Paulo em 2015, no quesito Poesia.

rachaduras
noites ralos
e varais
habito entre rachaduras
noites ralos
e varais
habito
a minha existência trepida no mundo
que nem uma folha que cai da árvore
e acorda o lago,
que nem a sua carne rigorosamente perfeita
desafia o gosto
o tato,
como o rosa dos seus mamilos
sobre o chão gelado
gelado o meu desespero atravessando a noite
como as lesmas que tranquilas
atravessam quintais,

desenho rostos em silêncios
vazios
parados
vazios parados
em meus olhos inalcançáveis
ao fio de luz que forma-se
no escuro
do outro lado da porta.

cada uma dessas manhãs sabe

secretamente eu sei
secretamente a minha idade
cada uma dessas manhãs
rasga a promiscuidade das santas roucas
dos vagabundos
que cruzaram as madrugadas
iluminados sob a luz pálida
e fria
que alumiava
os postos de gasolina,
as estátuas, as árvores,
prédios e a sua vagina
fruta laço pássaro banhando-se num filete d'água
do outro lado da lua
junto aos deuses aviões e andorinhas
deuses aviões e andorinhas que recolhem-se
quando troveja
e troveja no útero das putas
no útero dos meninos
troveja
e o seu sorriso
forma uma tempestade
numa caixa pra guardar
suas memórias e seus dentes.

troveja porque chove. e chove
enquanto chernobyl dorme

chove enquanto mesas de madeira

sustentam papéis,
chove.
chove enquanto tudo o que não conheceremos
explode em existência
sem a mínima necessidade
de todo esse cansaço
de toda essa tecnologia, consciência

dona therezinha agora dorme
antiga e serena
sem saber que escrevo,
sem saber que nesta noite chove
como fosse isto uma forma benevolente
do mundo ignorar seus filhos
e seus netos

ao lado as vozes atravessam as paredes
mas os silêncios é que estremessem
as estruturas antigas que suportam
cada andar desse lugar,
cada dente róseo
do girassol aberto entre as suas pernas
cada quadrado
aceso nestas janelas
pra esconder o horizonte
em minha frente
o horizonte não se esconde, olha,
olha quanta gente existe
quanta coisa se faz

sem que se dê a menor importância
às gentes que existem
no prédio ao lado
na rua

debaixo
das marquises
nas cidades vizinhas
nas casas
camas, celas, aglomerados

e a gente passa gente passa a gente
e a gente passa
em meio a esta enchente humana
só o que me acompanha pela avenida
é o alambrado.

quanta coisa acaba. quanta coisa se faz
sem agradecer caroline
que chupava e ria
e que fodia e ria
e que depois dormia com a boceta quente
sobre a minha coxa,
sobre as coxas de outros homens
mulheres,
sobre o lençol amarelado.

tenho dormido como uma cadeira,
caminhado como um paralelepípedo
velho, metafísico

viciado
tenho enxergado tudo por detrás das suas nádegas,
das suas costas, dos seus muros

janelas ruas
avenidas e frestas
tenho enxergado de abismo em abismo
o relógio

o fogo a roda e o poder
as milhares de bandeiras,
tratados, regras, bombas,
coordenadas e linhas imaginárias
por debaixo dessa chuva que cai
imparcial
sobre a ignorância de tudo
e sobre a boca aberta d'uma lata d'água

a enxurrada une-se ao beco
feito o coito entre dois porcos
gemendo sobre as escadas
e morros e campinhos de futebol
vazios
encarnados no fim das ruas sem saída

meu coração de pardal acelera
e parece que para
se me levanto muito rápido
ou se você passa do lado,
janelas se debatem
pessoas correm

e eu te sigo
por cada poça passo ou vão
linhas bilhetes cartas
insistindo em seu lume igual um inseto
procurando a luz amarelada
refletida na tela quebrada da televisão.

que rumo terão tomado meus irmãos
depois de cruzarem este deserto
como uma manada?
que rumo terão tomado todas as marias,
clarisses, joanas e carolines
se o sereno que restou é um cuidado
com estas noites oníricas?

chove.
chove enquanto fábricas vomitam excessos

chove como se nunca tivesse existido
dia sem chuva. chove
e um velho tosse
e engasga
e asfixia
parado em meio a um ir e vir de espectros
e seu coração tropeça
rodeado de latas
semáforos
postes
gentes

placas
e não importa o seu nome
e não importa o seu endereço
e não importa que agora seu rosto esteja
tão diferente das fotografias 3x4,
o estado possui todas as ferramentas
devidos termos
palavras
estudos
para catalogá-lo
enquadrá-lo num quadro sintomático
minuciosamente descrito
num dicionário de medicina
e encaminhá-lo para uma sigla seríssima
enquanto seu cachorro late.

venta e as janelas se debatem
e tudo é um abrigo.

o ineditismo
desafiador e impronunciável
das esquinas
os desafinados cantos das paredes
o cheiro de leite estragado
e o mais escondendo-se debaixo das minhas unhas,
sob o meu umbigo,
por detrás das minhas pálpebras,
embalagens, andanças
da minha carne fraca

enterrada numa bolha existencial
reservada à inércia da lembrança.

cultivam-se os dias como peixes cegos
por dentro do vidro fosco da clepsidra,
cultivam-se os dias
sobre o ir e vir lodoso dos papelões,
dos ônibus, dos ternos

lá de fora o vento entra úmido
como seus dedos em minha boca
e espero que seja pouca
a amargura da assistente social.

se eu fosse um nome nessas capas de livros,
um verbete nestas listas extensas
um número de oito dígitos
nas telas dos escritórios
mas você não.
você tem uma
coleção de
pronomes,
você sobrevoa descobertas, você
tem nove sentidos e uma horta
e dois braços
que movimentam-se perfeitamente
e podem pegar arremessar bater e abraçar

o ventre seco da cantareira, o seu coração de
antílope,
a sua fala que para
 pra você batucar com as unhas na mesa,
 pra você respirar fundo
 e procurar ter paciência.

deve estar nascendo uma criança agora
deve ser mais ou menos cinco horas
deve ter gente que precisa mais do que eu

o meu nome não é uma oração,
eu não tenho um teto
 eu não tenho os documentos
 eu não tenho uma medalha
que seja abençoada a incoerência
exata
que permaneça calada a fala qu'eu deixo guardada,
que esteja forte e intacta
 toda morada
 pra quando ventar
porque venta e cachorros dormem
e árvores se desdobram
 e se contorcem
 e trovões racham
 as nuvens e o céu

venta e livros flutuam
sobre o seu quarto alagado

junto a bilhetes, cartas,
caixas de remédio datas olfatos
sobre fotografias
e notas de dois reais, venta
sobre a sua cama desarrumada
sobre a sua alma pluricentenária
que sabia, antes de ti, que
ainda que viesse, furiosa e laboriosa
a máquina d'água, a chuva não teria carregado
essa eterna sensação de coisa inacabada.

a luz da rua
entra pela janela e doura
o seu sono
os seus pelos
as suas pernas
os seus sonhos os meus quartos imaginários.

a luz da rua entra pela janela e mancha
um bule quebrado
restos de ditadores em revistas
livros, plantas que vibram em você
num traçado geométrico
de datas doutras épocas, olfatos
ou lembranças codificadas
dos seus bisavós

você dormindo
e envelhecendo
dando voltas em torno do sol,
vê: não é o tempo. cada átomo
que valsa o novelo em seu peito nem é seu
mas a parte infinita
de um todo imenso quase nada
que te deixa dormir assim
tão calmamente,
e sem que você possa perceber
você dorme
e parece realmente nunca desprender-se
inérita, indistinguível, real e distante,

reutilizada e recombinada costurada
ao confuso monstro que amamenta as vogais:

você, numa queda que
dorme. dorme e por enquanto
não suspeita da nossa insignificância.

você-pedaço
você-colagem
descendo por uma espiral
sem motivo algum,
sem nenhum prêmio
meta ou significado

você, mais antiga que a sua existência
apenas dorme e por isso
é como se tudo estivesse
em seu devido lugar,
você-colcha-de-retalhos
deitada em seu próprio umbigo infinitesimal
obedecendo regras métricas escalas eixos
leis que você não fez
tratados que você não assinou,
acelerando o horário do despertador
enquanto sua casa não para de girar.

o sol orbitando o extremo oposto da sua nuca
em silêncio parece ranger em sua órbita
como uma antiga engrenagem,

mas você dorme sem saber
do sol que vai lá fora
do dia que há muito nasceu
e que amanhã retorna
 e que depois de seis dias retorna
 e que depois de um ano retorna
e retorna e retorna pra que eu percorra
o estreito corredor
e abra a porta da direita:

o quarto 4:

seis camas distribuídas pelo quadrado
onde cada um pensa seu vazio
olhando para o o teto
enquanto ao longe você dorme
e não pode desconfiar de nada.

um fio estende-se de um extremo ao outro
e à noite
dezenas de toalhas de banho
penduradas
 simulam bandeiras mortas
 ou fantasmas.

somos em 7:

o vazio

e leonardo, que tem baratas que passeiam
em seu céu-da-boca e que por isso
sua língua é uma constante,

e miguel, imortal do qual nascem
de suas mãos
enormes galhos à noite
que bagunçam suas malas
e seu lençol,

e matheus, que quando dorme
nascem ramos de flores em seu rosto
até escondê-lo por inteiro e por isso
só podemos reconhecê-lo pela manhã,

e Bruno, que tem relâmpagos na cabeça
e que por isso cobre-se com sacolas plásticas
quando toma banho,

e Julho, ao qual o Tejo e o São Francisco
moram em sua barriga e que por isso
sempre vai ao banheiro à noite,

e eu que não confio nem no dia nem na noite
e mal disposto ouço o que você me disse
à pouco

enterrado até o pescoço
em canto e desespero
lamentando não poder usar as mãos

pra segurar seu corpo
ou um copo pra beber água
coçar a coceira do dorso
obedeço pouco, me preocupo mesmo
é com quase nada.

hoje te observei engolindo-me
entre os azulejos de um estreito
banheiro coletivo e te engolindo
te olhava de costas
e beijava e mordida a sua bunda
até fodermos como se fosse esse
o único dia de nossas vidas.

é possível que através da matiz
de alguma tinta acrílica
se possa enxergar o vão profundo
das suas digitais
arrastando pra dentro do seu sexo
odisseias inteiras
e projeções como as minhas
enquanto cê geme
e uiva sozinha,

mas por ora você apenas dorme
e seu corpo repousa
sobre a imatéria do tempo
e tudo isso repousa sobre um continuum
que corrói e cria

e por isso você e eu desaparecemos

assim como desaparecerão também
todas as grotescas paredes deste prédio
e as toalhas secando no teto
e a luz
e a lâmpada
e leonardo
e miguel
e matheus
e bruno
e julho
e os sujos banheiros coletivos que
em pouco tempo
também estarão anteriores ao pó.

sem memória a vida é geométrica
e como seu uivo tem começo
meio e fim e corre sobre o nada
igual a parábola de uma pedra
tudo lentamente
se desintegra e reintegra
como se apenas o uivo tivesse fim,
mas a boca fosse eterna.

um corredor separa esses prédios
criando dois blocos:

o da esquerda e o da direita.
pelo corredor reto
moradores passam
e atravessam
e passam perto
uns dos outros
por esse mesmo corredor
e moram em prédios iguais
feitos de notas frias e concreto.

por entre estes prédios e esse corredor
os moradores se beijam
às vezes se apertam e cumprimentam
e ignoram e passam motos
canos e dutos
que levam suas fezes
suas urinas
gases papéis amassados
e remédios velhos
pra longe de suas vistas,

pelas janelas perpassa quebrada
uma só vida que tem cada um:

bem vestidas
centenas de hidras cegas
posicionam-se no meio da rua

e gritam:

asinus asinum fricat!

uma delas, a mais velha, realmente se vê
desamparada em seu sofá de couro
acompanhada somente de sua amnésia
e de suas certezas antiquíssimas.

dezenas de besouros rola-bosta caminham
em direção às câmaras câmeras e flashes
e vestem suas camisetas verde-amarelo
e rogam seus tesouros egoístas gritando:

asinus asinum fricat!

mas a nenhum menino ou santo que vem do norte
é permitido argumentar aos jornais,

a nenhum messias mudo
herdeiro de cachimbos e viadutos
é permitido reconhecer os golpes.

à que profundidade a raiz acaba? o natimorto
indígena brasiloco craveja de silêncios e cânticos as
palavras da pátria e da bandeira cega coberta de
partidos de nomes de horácios horários mussolinis
aécios silvas dilmias serras facas e martelos e cortes
pilastras polícia e surdez e vinho e pão e merda e isso

e à quilo ou qualquer pedaço de peça rolha ou corpo
dum tinto homem pindorâmico anti oceânico advindo
de um lado nunca antes tão desumanizado parado
em frente ao mar mas dado sempre como perdido
inexistente não fosse só agora ser irreconhecível,
desfigurado

perceber bem antes
 quepode ser o fim de um dos lados.
 a beirada esgarçada da pátria eterna
desanimada atacando
e sendo atacada em sua própria casa.

do alto do quarto posso olhar pela janela
do quarto andar e meu olhar despenca
como a rainha do abismo
ou a garrafa de água crystal
jogada fora
sem nenhum critério sobre
o que é que há do lado de dentro
do quarto andar do bloco B
olho pela janela
 como quem olha de um avesso
 e espero passar este domingo
antigo e reto, esta não-orgia, inteiro,
sozinho
 respirando
devagar
o cheiro de mato seco e comida congelada

até que seja cortada ao meio
a cortina do primeiro ato:

gás-adestramento
vitrino-tiro
etno-explosivo
protestocínio
choque-tropa-elétrico
homo-lacrimogênico
e o cifro-latrocínio da carne

e centenas e centenas de cartazes
pra você desistir
 e conformar-se sozinho
porque cê tenta dar as costas ao ruído
de centenas e centenas de
homens-de-efeito-moral
rastejando-se de queixo erguido
e centenas e centenas
 de anjos subnutridos destemidos
 lutando ao lado de centenas e centenas
de desesperançados
desempregados proto-raquíticos,

cada vez que matavam cristo
dava pra escutar uma supernova nascendo.

você vermelho
 suportando a mochila pesada
 pelos cinco quilômetros
 de estrada reta
 e sorrindo ao meio
 olhando amigavelmente
 a sua ideia de lírio
 a sua ideia de movimento
 sorrindo ao meio
 olhando a onda invisível
 desenhar ondas no arrozal
 desenhar ondas
 em si mesmo e
 em cada gota de suor
 na sua testa,
 você cantando sozinho
 acompanhando o arame farpado
 e deixando marcas
 sobre os cinco quilômetros
 de estrada de terra,
 você nunca inteiro
 arrastando-se pra dentro de si

todo o infinito contido
no intervalo pequeno de um passo
estreito sobre a estrada estreita
sobre tudo que te enterra no peito
o horizonte escondido
no arco dessa espera.

cê tá feito um barbante seco
um pavil velho enrolando-se
na poeira do chão-sem-fim
como se a coisa
fosse obrigar-se a acontecer
e cê espera que
aconteça
mas não há sequer o que esperar
nem motivo pra querer a sorte
nem a desavença nem a morte
e nem que anoiteça
e você ainda esteja andando sozinho
por qualquer lugar desconhecido
sabendo que não corre perigo,
que não corre
sabendo que não corre sobre o acontecer.

ter vagado já aconteceu e o intervalo se foi
e resta-lhe sentar na varanda atirando
com a sua mossberg semi-automática
em sonhos e garrafas de vidro.

cê é filho de uma coisa que berra e
que sabe quando tá feliz
 porque berra quando nasce
porque sabe que estar feliz
 é que isso
 é só mais uma maneira de esperar a morte.

cê é filho da própria vontade de estar nas beiradas
e que as beiradas das estradas
 sejam brincos pra geografia

jacareí
 ubatuba
 trindade
 parathy
 pinda
guararema
 são francisco
 santa Isabel
 rio
niterói
búzios
 arraial da juda
 campos do jordão
taubaté
 passa quatro
 limeira
 descalvado
são luis do paraitinga

americana
 são josé dos campos
santa branca
 aparecida
 guarulhos
são francisco xavier
arraial do cabo
 peruíbe
 cabo frio
muriaé

e os meses passando como caramujos
sobre o calendário úmido
e vão-se os outubros parindo novembros
 dezembros fevereiro setembros
e os invernos e verões e outonos
e o chumbo do céu de chuva
sobre a vida que segue
 na beirada da estrada, na falta dum mapa
 pra traçar com uma caneta bic
a ida começada

santana do livramento
rivera
 tacuarembó
 chuy
punta del este
punta del diablo
 montevideo

carrasco
las flores
cabo polônio
piriapolis
porto alegre

do alto de são paulo eu vejo o rio cinza
e a vida que segue
às vezes como um lago
às vezes marulhenta
por vezes
na tranquilidade do seu quarto
ou na caçamba de uma saveiro
empoeirada e antiga
ou na ilíada fria e cinzenta
de uma capital. a vida segue
indiferente e inédita,
caótica e ostensiva
ora paciente e antiga,
ora como algo
que nem se parece mais com a vida.

cronos medita
 ele sempre medita cronos apenas medita
cronos nunca fez porra nenhuma da vida
 a não ser meditar
 cronos medita
e tudo passa feito um cinema mudo,
um desenho sem graça pela janela do ônibus,

poste
 luz
 árvore

poste
 luz
 árvore

poste
 luz
 árvore

poste
 luz
 um lado que observa a colmeia
e não entende o motivo
de observar a colmeia
 e olha sem jamais olhar a colmeia
mas a sua própria ideia de colmeia;
 um lado outro
que observa a colmeia
e vê mas não desenha
 e vê e não a suja de si a colméia
 e não sinaliza e então depreende

finalmente porque pode ser tão triste
uma colmeia abandonada sobre o rio.

desço e tá serenando
e em cada poça d'água qu'eu piso
há um espectro vermelho-semáforo
asfalto molhado ponto de ônibus
guarda-chuvas e escudos romanos
sobre a terra girando girando
sobre meus passos curtos

qu'eu levo no coração restos da infância
culpas daninhas
qu'eu carrego
no coração culpas que me roem
o marfim sem brilho
que abriga
o mesmo coração quieto.

olho bem pros cartazes
cartas de longas datas
prédios e carros de plástico
brinquedos de criança
e os sorrisos da minha avó
e a voz da minha tia ao telefone
e todas as vezes que saí de casa
e todas as vezes que fui expulso
e todas as vezes que voltei
e que não fui posto pra fora

mas que já não podia mais voltar.
um abraço dura o quanto você tiver coragem
mas a vida não. a vida dura um compasso cardíaco
dois...
três...
quatro
e vai-se vivendo
de sorte ou de misericórdia

a vida não,
a vida dura um intervalo entre um orgasmo
e o cansaço justo do sol.

é um ponto cinza sobre um mapa ininteligível um
calendário uma conta de setenta e cinco reais
atrasada e o gemido compassado do sexo dos
vizinhos e o preço do feijão ou da gasolina ou uma
bula de remédio ou o aceno simpático de um
desconhecido no meio da estrada,

ir até a fronteira da palavra
e não escrever maçã
e nem lembrança
mas o aspecto da coisa lembrada
e assim
feito sombra
ir até a fronteira da imagem
e não ver
a colmeia abandonada sobre o rio

e não ver
as centenas de corpos enterrados
sob cada suástica
 e as centenas de corpos sob
 o empire states
e as pirâmides de gizé
e as milhares de crianças mortas
 estampadas na sua camiseta
 e as centenas de índios-desabrigados
 mães avós e netas
a a sua fala iâmbica finalmente
cantando the doors,

nunca mais eu trazendo do galho mais alto
a manga mais rara.

a vida é feito um colar de miçangas
e não há o que ser perdoado
não há moedas antigas
 nem discos
 nem cabras
 mas um violão velho
 pra embalar as amizades
 e os amores mancos
 e os amuletos
 andanças
e o pé de goiaba que teimava em existir
do lado da loja de lembranças

a terra que escorrega
por entre os nossos dedos
e as patas das vacas
 nos morros distantes
 e os andantes amantes trevos
 e o medo
o medo é um amuleto.

igual seu rosto que agora aparece pra mim
como um templo abandonado
raso raso
esse rosto que é só seu
 e que cê nem sabe o quanto
é seu
esse rosto
 arquitetado interpretado
orgânico
 que flutua
 nas ladeiras da via láctea
 absorto
 real e temporário

 esse rosto que é seu
e que me agrada
ayahuasca numa xícara de chá
 ayahuasca
 em dois dedos de conhaque
num aceno com as mãos
numa letra natural e torta

sem a menor importância
sem a menor preocupação com

a humanidade discute suas fronteiras em cima da
podridão de um cacho de banana prata.

tenho um templo. um tempo por dentro.
tenho quase nada
e me demoro em distâncias pequenas
e continuo depois de ter vivido vinte minutos
sobre as suas ruas molhadas
sabendo que são tristes as fronteiras
e que configuram-se longas as caminhadas

que os anjos são imparciais
e que a noite pode ser cega,
que os amores
se parecem em muito com as navalhas
e que o seu rosto me alegra
me alegra que
isso passa pesa e desassimila-se
sobre a meditação a respeito
do que é olhar pras suas pernas
cores frestas
te pensando feita
como quem enterra as mãos
num saco de grãos na feira
te penso inteira
e subo em cima

mordo
e acaricio essa ideia,
essa pele-imagética
solitário e torto

com as janelas abertas.

eu voltar de madrugada
fria madrugada
fria
a noite espia
eu voltar
fria a madrugada
sozinho pra casa
lembrando dos sonhos qu'eu tenho
chutando pedrinhas pela calçada,
recordando amigos
que há muito deixei pra trás.

olho as janelas apagadas
e lembro de uma vida inteira, repenso
escuto ela rezar por mim
entre monóxido de carbono e
as engrenagens da cidade
covers vaidade fracassos egoísmo
ar temoderna a artemo derna
císmico.

movo-me nesse céu
sem revoadas cuja chuva
atordoada desaba
nesse frio que me escorre
em água fria queda d'água
chuva fria e áspera
na cabeça de um velho louco
pedindo aos berros roucos
o fim desse engenho

e dessa compaixão calculada.

a molecada justifica as esquinas,
as flores, os fuzis
 e o cinza chumbo dessa madrugada
 em que é servido um café
pra uma cadeira de couro numa sala
à seis mil seiscientos e cinquenta e quatro
metros de distância do frio das capitais.

os criadores do novo
os credores
 tropicofanáticos
 os criadores do povo
a pedra e a paciência
os cervos e os servos
 com medo de serem atacados
 e eu, que só quero é ver o sol
nascer por detrás do morro,

que acordo confuso e morno
entre o céu e o lençol
esquecendo o peso e a dimensão
 do corpo
 quando noto que, gigante,
é o morro que olha pro sol.

já passa das duas e caminho calado
e sei que há falta d'água

que falta pouco
que falta cigarro.

sentado na calçada
um velho lê o jornal da semana passada
e deduz a saúde econômica mundial
de acordo com o quão magro está seu
cachorro.

por entre as paredes de uma dessas casas
um garoto lê dostoiévski.
e é a única janela acesa no bairro.

venta cada vez mais
e as árvores chacoalham
e os cães latem
à noite
pra noite que dorme de bruços
sobre a cidade longa e iluminada
e sobre os passos desavisados
dos meninos que roubam nos supermercados
como quem acha um pássaro,
como quem conta apenas com os dois braços
e com a distração dos homens,
como quem arranca uma fruta da árvore e come.

cê grita:
eu não queria ser isso qu'eu tenho sido agora
eu não sou isso que eu falo

faço
cê grita:
cê só faz se eu gritar,
e é por isso que eu não ouço.

esses olhos castanhos castanhos
a disposição dogmática dos ímãs
na geladeira

e esse corpo
esse fosso entre os outros
que olhava uma estranha na fila
de um não-pra-onde
e decorava o seu rosto
e a sua maneira de estar parada
e decorava
como não vê-la nunca mais,

como não dizer que,
naquele instante,
ela era a coisa mais bonita e assustadora
ocupando um mesmo lugar no tempo e espaço.

a rua esmaga a coragem de um lobo
no coração de um moleque de nove anos
e torna o meu sorriso
um fóssil da minha infância.

já não distingo um corpo do outro
ou meu sorriso profunderraso fosso

isso osso
ou o saber que me dá jus de que é noite
e de que tô quase chegando.

sei que é quase maio
e que algum garoto tá costurando símbolos
e marcas numa camiseta de algodão
pra que eu possa assoviar nessa madrugada,

que alguma menina
está abrindo as pernas pra um chefe de estado
como um cachorro de barriga pra cima, deitado,

que alguma criança tísica
tá montando placas e circuitos eletrônicos
numa sala apertada e mal iluminada
longe do meu lado

e que um pai de família cheio de esperança
tenta cruzar a fronteira com a foto da filha no bolso
pra que mantenhamos vivas
essas nossas relações glaciais,

esse nosso estigmatismo que borra ainda mais
o desbotado verde louro dessa flâmula.

só entardecia
quando você sentava-se na cadeira de balanço
que dá pro quintal, calada,
observando a fúria de um mar imaginário:

chiavam as ondas
chiavam as ondas
nos seus olhos d'água.

no seu semblante
passarinhos invisíveis
fios elétricos
mapas,

seu coração flutuando no peito
como uma pedra num aquário
irrigando a desproporção do seu rosto,
essa mancha acontecida
que denuncia e esculpe
palavra por palavra a estátua do seu próprio dorso,

não importava,
de qualquer forma
a lua cumpriria o seu traçado,
os pássaros nasceriam
cantariam e morreriam,
as formigas continuariam
a peregrinar sobre
as paredes da cozinha

e haveria quinze quinas e esquinas
independentemente da matemática.

por vezes
toda a inevitabilidade dessa existência
atingiria os nossos olhos
com tão inerente transparência
que pensaríamos estar olhando além
quando não estaríamos olhando
pra nada mais do que mais nada,

então criaríamos listas
nomes e qualidades
pra todas as coisas
para que nos esforçássemos em não perdê-las:

roupa
óculos
telefone
urina
lata
ondas
santidade

e mais
milhares de outras formas
que inventaríamos pra chamar o medo invasivo
de sentir medo no meio de tanta tralha.

não li,
mas guardei com carinho a sua carta,
seus mais sinceros comentários
sobre fósforos e querosene.

guardei suas receitas e suas metáforas
como se fosse tudo novo
e segui a risca os conselhos que cê me dava:

1. cavar o buraco com as mãos 2. incessantemente 3.
com as mãos anexas à um corpo emoldurado por
vazios 4. cavar sem uma busca 5. pensar
porosamente 6. ter bons motivos 7. transbordar 8.
saber que é sempre uma tentativa 9. mutilada 10.
vãos 11. vão-se os dias sem avisar 12. não adianta
descrever a água fria 13. esqueça o corpo de vez em
quando 14. perca o sono 15. preocupe-se com
inexistências 16. canetas são pra sustentar silêncios
17. amordace os ventos 18. beba sozinho e cansado
entre a carne e o osso 19. cave um buraco profundo
20. a terra deve ser espessa e escura 21. veja-se
escasso 22. o buraco deve tomar a forma de vala 23.
perca o entorno 24. releve tudo o que não possa ser
pensado 25. um livro é um leão morto.

depois do batalhado parto
acordaria de outros sóis
após o naufrágio
erguendo-se em terra firme

com penas de araras nos cabelos
e tendo nas mãos uma navalha.

a constelação particular das lembranças
permaneceria suspensa
quase como se já não estivesse lá
recém-nascendo a cada segundo
na revolta atlântica
de um auto-naufragar
de diversos corpos
de um mesmo mar
de diversas ruas
de uma mesma rua
de muitas novas e mesmas coisas
das quais você imenso-universo
guardaria em órbita:
lembrança do que ainda não foi
macro, porém mínimo, macro-ínfimo
pequenimenso acenando distante
para o tédio de tentar aceitar
a primeira vista de ser tudo
maior do que é
e tudo menor do que nada.

por dentro tudo seria intenso
que é pra guardar a tarde
com um formato de bolha vaga
onde cê continuaria meditativa-coisa
arraigando-se em si mesma

de e todos os momentos mais lindos
que construimos com toda a inabilidade.

penduraram seu tênis na fiação elétrica
com presteza porque
 chão é pra chover
 e mão é pra acariciar
e jogar a pedra

deixa eu falar das coisas mais sérias
sem seriedade alguma,
deixa eu me molhar na efemeridade líquida
do seu desinteresse
 e voltar acordado até o tempo
 em que eu era terra
 e ela já era ela
se até hoje
 eu não sei estar sendo
 o corpo que me carrega
 eu não escolhi
 esse corpo que me leva
 esse corpo
 veio de dentro dela.

eu sou no corredor
sou na porta da cozinha
 debaixo do chuveiro
 eu sou entre as suas pernas
um bicho oco e fino
que arrasta-se para antes do vento
pra dentro de um futuro que só existe
 em nossas cabeças,

que encharca nossas roupas
e aglutina-se
sobre o ralo entupido dos séculos
até que nos afoguemos em nós mesmos.

olho minhas mãos
trêmulas
e me vejo, vejo rios,
paredes, canetas,
soldadinhos de chumbo
e guidões de bicicleta
olho as minhas mãos
e sei que as tenho
e sei que guardo-as
no meu bolso
debaixo do meu queixo
escondendo com meus dedos a boca

olho minhas mãos, olho
e sei o que me resta e
sei que posso repousá-las
sobre a geografia das suas costas
sobre o horizonte da sua bunda
ou sobre a jangada da sua alma
ancorada ao corpo meu.

o silêncio dos pardais se esconde
debaixo dos telhados enquanto chove
e o que importa as garrafas quebradas?

que importa a densidade das moedas?

sei em qual rua fica a sua casa
asa, desmembramento. sei do estranhamento
e sei que não sou pouco
mas que sou quase nada

não me fala. monta em mim
vestida de maré alta
e desenha-me a foto-lembrança
o poli-alfabeto, o caráter polissêmico
do coração e da existência,
o desmérito
o afeto
qu'eu pensei ter visto
logo pela manhã
um sentir da família das ensíferas
que torna menos cinza esse cotidiano
e mesmo assim,
sei que não o deveria levar à sério.

veja quantos intelectuais seríssimos
afogam-se em piscinas de jornais
ou jantam e acordam
sempre nos mesmos horários: veja.

veja as mães solteiras enterrando todos os dias
pedras e mais pedras sobre a face irreconhecível
de centenas de golias apáticos e embriagados,

por isso que cê cria as suas flores num canto
arranjado na varanda de um pequeno apartamento e
empreende seu trabalho numa mesa improvisada sob
o frio condicionado do escritório e observa seus
amores secretamente de dentro de uma janela cavada
com as mãos e dança com a luz apagada na ideia de
não se ter mais tempo para voltar andando pra casa.

toma cuidado com os velhos pensamentos
qu'eu sei que cê sabe
que no fim
um amor é o olhar de um cavalo morto,
é um cadáver que o rio não carrega.

era o combinado: cê puxaria o gatilho
quando eu desse o sinal
e ambos estaríamos
livres, desatados,
mas agora
se nos encontramos unos
e agimos como um verbo
andamos como um verbo
e cheiramos como um
verbi
nos lembramos também de dedicar
horas e horas para adivinhar
a tristeza dos estranhos na rua,

aquele: parado na praça com sangue nos dentes.
coisas que a vida leva
como quem agradece por não ser eterno.

aquele que nunca mais acordou com o repentino
abrir das janelas e que nunca mais
foi ver o maracatu de perto.

aquele quieto como a surdez
que silencia as máquinas e que
sem fazer as malas
se despede
 dos livros na casa dela
 colocando no bolso uns trocados
e sobre o corpo o casaco surrado e
amarelo,

e calado em pensamentos
dorme no último assento
do último ônibus da madrugada,

eu imaginava a tristeza dos estranhos na rua
num estranho engenho de dar à eles
a história de mim mesmo.

passavam homens com seus sapatos
número trinta e nove, quarenta talvez,
homens com lembranças,
moedas nos bolsos, doenças venéreas,

passavam senhoritas
e suas calcinhas de renda,
pulseiras, coisas. passavam as coisas
que também se perdiam nas horas
e dias e em si mesmas
debruçadas sobre o despencar das seis da tarde,
sobre o riso exausto
fazendo fechar as portas dos armazéns
e escurecer a solidão e o alimento
que desde a infância
vem nos limando os sonhos e os dentes.

vem a noite inexorável
e não existe certo
nesse lugar
e nem as musas e nem as deusas existem
só os bares, mulheres, crianças, policiais
e a força clara e brutal das hidrelétricas
e dos postes de concreto e vidro
que iluminam as calçadas.

vem monstruosa a noite tramando outra vez
a queda da chuva sobre as cabeças dos loucos
e dos cigarros das putas,
sobre o chão seco da cantareira,
barracos, casas, condomínios,
sobre quarenta e oito varetas
de caule de milefólio
ou sobre a sua janela de bicho solitário

que tenta desenhar a dor do mundo
num papel
com um empenho milimetrado.

inútil a sua lida,
em nada o mundo aumentou ou diminuiu
com o seu verso e agora você sente-se
leve e menor do que nada,
destituído momentaneamente
da sua bagagem arquetípica
e estranhamente mais humano,
você levanta-se
contente e apático, pensando, verificando
como costuma verificar sempre
se seus livros estão bem guardados
se as portas estão bem trancadas
se alguma luz ficou acesa e depois
sai catando as garrafas vazias pela sala
enquanto a noite avança antiga e pesada
cheia de acidentes e pequenos milagres
cheia

cheia de acidentes
e pequenos milagres
que acontecem
seja como for
e de qualquer forma
sem que ninguém os tenha jamais arquitetado.

mas ninguém jamais fez um poema,
só tem poesia quem tá morto

é por isso que cê discute sartre,
é por isso que cê escuta nirvana
ou lê william blake
esforçando-se em fingir que é verdade
tudo aquilo o que disseram sobre william blake.

ninguém nunca fez um poema,
só tem poesia as manhãs
e as madrugadas,
todo o resto são horários inexistentes
e é por isso que cê fica olhando
pela janela do metrô
mesmo que só haja concreto,
é por isso que cê acha mesmo
que tem algo pra dizer
e é por isso que cê não chora quando te acertam
um cruzado de esquerda bem perto do olho
ou quando cê vê potenciais pais de família
dormindo com a bochecha no vômito
no meio do passeio público
logo no horário do almoço.

ninguém nunca fez poema nenhum.
só tem poesia a ultima vez que se tenta,
sabendo-se que será pra fracassar.

é o motivo pelo qual você não quer que as coisas
partam,
motivo que te dá mais motivos
pra discutir migalhas culturais
como quem costura uma roupa de super-herói
pra si mesmo no banco da praça,

é o motivo
que te faz ter milhares e milhares
de opiniões políticas e morais
que você escolheu dos seus livros preferidos,
dos artigos de jornais. opiniões
sobre as opiniões dos outros.

ninguém nunca fez um poema
porque os morcegos não choram com isso,
macacos não se emocionam com versos,
ratos não lêem kafka, cães não escutam bach.

ninguém nunca fez poema nenhum,
são apenas amarelamentos
na enorme fotografia do egocentrismo humano
te fazendo desviar a atenção
do que realmente importa
porque o mar continua lá
e o rio continua indo
e céu continua distante
e nada foi deslocado
com o que você sentia

e tudo isso
 que deram o nome de angústia
continua no seu coração
abraçando-o feito um polvo de mil braços
e chiando feito o chiado da maré alta.

ninguém sequer existiu,
cê vive enterrado em memórias
 de tudo aquilo que nunca sequer aconteceria.

é por isso que ninguém acenou de volta
ou pregou placas. ninguém te disse
que os ursos morrem,
que os cães acordam cansados,
 que os velhos perdem o próprio passado
 e que os peixes
 não sabem que existe a água.

ninguém te disse que os sonhos apagam
feito vaga-lumes em potes de maionese
 e que o tempo vai roendo sua pele
 e riscando os nomes e rostos nos seus ossos.

ninguém te avisou da dor nos olhos,
da loucura, da santidade ou da impunidade
e ninguém sequer acenou de volta que ela dormindo
 não era mais ela, nem tinha mais nome
ou forma, que ela dormindo
era apenas o esboço de uma paisagem.

é por isso que cê olhava
atentamente e sentia pena de existir
e sentia pena de sentir
e não sabia que é por isso que,
por nunca ter sido outra coisa,
é que você sentia
e não sabia o que fazer com as vitrines,
com as calçadas, com os medos e
com os erros ortográficos,
cartões de crédito, telefones, vizinhos,
com os amores passados
ou com os maços de cigarro vazios.

você apenas seguia
 dentro de si mesmo, espremido
 num apertar de mãos,
 num abraçar-se entre dois corpos,
 perdido
 no esmalte roído das unhas dela,
 no caminhar desgovernado de uma formiga,
 nas luzes da cidade ao longe,
 sem que ninguém o visse passar, real e crível,
 por entre os atalhos e escadas
 sem que ninguém soubesse o que você sentiu
 ou imaginou ter sentido
 quando vieram as manhãs indescritíveis
 depois de longas e longas noites em claro.

ninguém jamais quis estar
acorrentado ao seu futuro ou ao seu passado.

todos os motivos foram inventados,
 todos os domingos foram vividos
enquanto você descobria os caminhos mais curtos
pra poder escolher os caminhos mais raros,

 todos os seus motivos foram imaginários
e você adoecia e se curava,
sorria e calava-se de frente pra tudo isso
carregando isso aqui pra todo o lado, cansado,
 fazendo o que você sempre faz
com a alegria branda e insossa
que só a desistência pode providenciar.
 tal qual a ti mesmo, ficaria a tua cria,
 feito bicho imperfeito e abandonado,
 e lá viriam novamente as chuvas,
noites e manhãs e a poesia e seus estragos
e viria novamente o vento acordando suas cortinas
 e sem que houvesse nenhum chamado
 e sem sem que houvesse nenhuma recompensa
viria novamente esse teu avesso enviesado
habitando entre rachaduras, noites, ralos e varais.

SONATA EM MI MENOR
PARA PORCOS E OUTROS QUADRÚPEDES

www.appaloosabooks.com

SMMPPOQ
2015 - 2018